



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LUCAS VINICIUS TAVARES DE AQUINO

**A PRÁTICA DE UMA ALFABETIZADORA NO 1º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO**

João Pessoa - PB

2024

LUCAS VINICIUS TAVARES DE AQUINO

**A PRÁTICA DE UMA ALFABETIZADORA NO 1º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia, do Centro de Educação da
Universidade Federal da Paraíba, como requisito
obrigatório para obtenção do grau de Licenciado(a)
em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Ildo Salvino de Lira

João Pessoa - PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A657p Aquino, Lucas Vinicius Tavares de.

A prática de uma alfabetizadora no 1º ano do ensino fundamental: um estudo de caso / Lucas Vinicius Tavares de Aquino. - João Pessoa, 2024.
46 f.

Orientação: Ildo Salvino de Lira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Alfabetização. 2. Ensino fundamental. 3. Prática alfabetizadora. I. Lira, Ildo Salvino de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 373.3(043.2)

LUCAS VINICIUS TAVARES DE AQUINO

**A PRÁTICA DE UMA ALFABETIZADORA NO 1º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado em: 10/05/2024

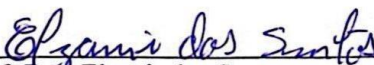
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ildo Salvino de Lira
UFPB/ DME/ CE
Orientador



Prof. Dra. Idelsuite de Sousa Lima
UFPB/ DME/ CE
Examinadora



Prof. Dra. Elzanir dos Santos
UFPB/DME/ CE
Examinadora

*Dedico este trabalho à minha
família, meus amigos e aos meus
professores inspiradores.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me proporcionar forças diárias e por me demonstrar, nos detalhes da vida, que não é necessário desistir de nada enquanto você tiver força para lutar e conquistar. Ele me fez ver que mesmo nos momentos difíceis, podemos nos sentir fortes e seguros de nós mesmos. Ele esteve presente em todos os momentos da minha vida. Então, toda a honra e glória é dele.

Aos meus familiares pela força e admiração, em especial aos meus pais, Evandro José de Aquino e Juliana Tavares Ferreira, as pessoas mais importantes da minha vida, que sempre se preocuparam comigo e buscaram o melhor para mim, muitas vezes abdicando de si. Mesmo com receio do que a sociedade poderia pensar de um professor no ensino fundamental, me deram força e apoio, ao verem que consigo passar por todos os obstáculos e me viram crescer! Crescer profissional e pessoalmente enquanto indivíduo. Eles viram o meu amor pela educação e por lecionar, e com isso, tornaram-se os meus maiores admiradores! Tudo isso é por vocês!

Aos amigos que fiz ao longo dessa trajetória acadêmica, tenho em meu coração e agradeço por todo o companheirismo, amizade, apoio, amor e carinho que tive ao longo de todos esses anos. Ao nosso grupo Winx, formado no período 2018.1, em especial a Aldiane, Andreia, Emmily, Karol, que permaneceram nessa luta. Vocês tornaram este percurso ainda mais leve e significativo. Amo vocês! Charles, Claudinha, Erivaldo, Felipe, Lucimar, Thácio, que foram meus incentivadores nos momentos que mais precisei, vocês fazem parte dessa conquista! Fabian, você me deu forças para seguir.

Aos professores com os quais tive o prazer e a sorte de trocar experiências e conhecimento, em especial ao meu professor e orientador Dr. Ildo Salvino de Lira, pela parceria desde os componentes curriculares que lecionou e a oportunidade na monitoria, que foram de grande valia para a minha formação acadêmica. Sempre disposto a ajudar e muito profissional. Admiro o seu compromisso com a educação e agradeço por todo o suporte em todos esses anos.

Por fim, aos meus inspiradores da Escola Municipal Dom Marcelo Pinto Carvalheira, pela oportunidade que me foi dada de atuar na educação e ver de perto a realidade de uma sala de aula do outro lado da história, como docente. Foi através desta oportunidade que eu me vi na educação, e anseio por mais. Igor, Danielly, Lourdes, Luzia, gratidão!

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a prática de uma professora alfabetizadora e objetivou investigar como a referida docente, responsável por uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, mediava o processo de alfabetização. Para atingir este objetivo fez-se necessário compreender a concepção de alfabetização da docente, identificar como a referida profissional organizava a sua prática pedagógica com foco na alfabetização e analisar as atividades e recursos propostos por ela tendo em vista a alfabetização das crianças. Para tanto, realizou-se, então, uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como sujeito da pesquisa a referida profissional. Como instrumentos de coleta de dados, foram empregados a entrevista semiestruturada, a observação participante, bem como a análise documental. A fundamentação deste trabalho norteia-se a partir dos estudos de Soares (2010), Smolka (2012), Morais (2005), Freire (1983) Tardif (2002), Peres (2022), entre outros. Os resultados desta pesquisa demonstram que a prática da docente era norteada por um trabalho voltado à alfabetização, conciliando atividades mecânicas de repetição e memorização de letras e padrões silábicos, além de estratégias de ensino alinhadas à reflexão e ludicidade, a exemplo dos jogos e brincadeiras, bem como os momentos destinados à leitura, conforme evidenciou a entrevistada. Contudo, durante as observações constatou-se uma mediação mais alinhada a uma perspectiva tradicional de alfabetização perpassada pela intencionalidade de auxiliar todas as crianças na consolidação do processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Ensino Fundamental. Prática Alfabetizadora.

ABSTRACT

The present work deals with the practice of a literacy teacher and aimed to investigate how the aforementioned teacher, responsible for a 1st year elementary school class, mediated the literacy process. To achieve this objective, it was necessary to understand the teacher's conception of literacy, identify how the aforementioned professional organized her pedagogical practice with a focus on literacy and analyze the activities and resources proposed by her with a view to children's literacy. To this end, a qualitative research study was carried out, with the aforementioned professional as the research subject. As data collection instruments, semi-structured interviews, participant observation, as well as document analysis were used. The basis of this work is based on studies by Soares (2010), Smolka (2012), Morais (2005), Freire (1983) Tardif (2002), Peres (2022), among others. The results of this research demonstrate that the teaching practice was guided by work focused on literacy, combining mechanical activities of repetition and memorization of letters and syllabic patterns, as well as teaching strategies aligned with reflection and playfulness, such as games and games, as well as the moments dedicated to reading, as evidenced by the interviewee. However, during the observations, mediation was found to be more aligned with a traditional perspective of literacy permeated by the intention of helping all children in consolidating the literacy process.

Keywords: Literacy. Elementary School. Literacy Practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Planejamento das aulas	29
Figura 2 - Proposta de aula envolvendo a letra B.	30
Figura 3 - Atividades propostas para casa.	34
Figura 4 - Atividade desenvolvida em sala de aula - letra C.	34
Figura 5 - Atividades propostas em sala de aula.	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fluxograma das aulas da turma da entrevistada.	30
Quadro 2 - Relação das propostas de aulas visando a alfabetização elaboradas pela entrevistada.	31

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CFB	Constituição Federal Brasileira
EF	Ensino Fundamental
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PNA	Plano Nacional de Alfabetização
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PNE	Plano Nacional de Educação
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEA	Sistema de Escrita Alfabética

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	15
3 REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	21
4 PERCURSO METODOLÓGICO	25
5 APROXIMAÇÕES DA PRÁTICA DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA DE UMA TURMA DO 1º ANO DO EF	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	46
APÊNDICE A	47
APÊNDICE B	48

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre o processo de alfabetização, a partir da prática de uma professora alfabetizadora de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental (EF) que atua em uma escola da rede de ensino de João Pessoa.

O interesse para o desenvolvimento da presente pesquisa surgiu inicialmente a partir de nossas vivências como oficinairo de um projeto de letramento e alfabetização, realizado na mesma escola que o estudo foi conduzido no período de 2019 a 2020. Na ocasião, nós realizávamos o acompanhamento de alunos das turmas do 2º ao 5º ano do EF que apresentavam dificuldade na leitura e escrita e que, conseqüentemente, não conseguiam acompanhar as atividades que os professores realizavam em sala. Esses eram levados à biblioteca da escola para realização de atividades focadas na aprendizagem da língua escrita e leitura. Tal processo acontecia de acordo com as necessidades dos alunos, quanto a seu desenvolvimento, considerando os percursos de cada aprendiz.

Diante dessa experiência, foi possível constatar uma grande preocupação dos professores e da equipe gestora quanto à alfabetização dessas crianças em relação ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, assim como o foco atribuído aos resultados obtidos nas avaliações externas realizadas pelos governos federal e estadual, bem como pela mobilização de ações de acompanhamento da progressão de aprendizagem conduzidas pelas alfabetizadoras.

Além disso, evidenciamos ainda as experiências vivenciadas nos estágios obrigatórios do curso de Pedagogia (presencial), principalmente os estágios III e V. Essas experiências foram realizadas em diferentes escolas dessa rede de ensino e somaram para o interesse por essa temática, uma vez que podemos vivenciar na prática a realidade de uma sala de aula com alunos em processo de alfabetização e o acompanhamento das práticas pedagógicas de docentes alfabetizadoras.

Tais experiências contribuíram para nossa formação de modo muito significativo, com a expansão de ideias quanto a recursos pedagógicos, metodologias, relação professor-aluno e o emprego de jogos para alfabetizar.

Entre as experiências vivenciadas durante essa fase, destacamos as ações desenvolvidas durante as regências na turma do 1º ano do EF. Na ocasião, podemos trabalhar com o uso de jogos no processo de alfabetização dos alunos que, além de propiciar um acompanhamento direto da aprendizagem dos educandos em relação à leitura e escrita de palavras, contribuíram para a busca de novos caminhos, como a

inovação de atividades e reinvenção da prática docente para que o processo de alfabetização fosse consolidado de maneira lúdica e prazerosa.

Nesse sentido, a escolha por essa temática justifica-se, ainda, pela preocupação latente do número de alunos que não consolidaram o processo de alfabetização na escola onde vivenciamos tais práticas. Mortati (2019) explica que a alfabetização se configura como o ponto central na constante problemática que há entre educação e a modernidade, pois os alunos estão sendo inseridos no mundo letrado desde cedo e a consolidação desse processo não se dá de forma simples e rápida. Ainda nesse contexto, os indicadores educacionais mostram que há diferentes fatores que repercutem no fracasso da alfabetização, como a mudança na prática docente, à limitação de recursos didáticos, o modo como o aluno é inserido no ciclo de alfabetização, as estratégias utilizadas pelo professor alfabetizador, entre outros fatores. (Brasil, 2023).

Diante da reflexão acerca de nossas experiências e dessa problematização, surgiu o seguinte questionamento: como uma docente alfabetizadora de uma turma de 1º ano do EF traduz a construção de sua prática? Assim, o presente trabalho tem por objetivo investigar a prática de uma professora alfabetizadora de uma turma do 1º ano do EF. Para tal, o estudo tem como objetivos específicos: compreender a concepção de alfabetização da docente; identificar como a profissional organizava sua prática pedagógica com foco na alfabetização; e analisar as atividades e recursos propostos por ela, tendo em vista a alfabetização.

O desenvolvimento do trabalho foi pautado nas contribuições de teóricos que fomentam a temática alfabetização e letramento, com destaque para Soares (2010), Smolka (2012), Morais (2005) e Freire (1983); e prática docente, com Tardif (2002), Peres (2022), entre outros.

Nessa seara, acreditamos que o presente estudo tenha o potencial de despertar a reflexão a respeito do papel de uma professora no processo de alfabetização e letramento, destacando seus principais desafios e possibilidades.

Dessa forma, este escrito foi subdividido em seis capítulos: esta “Introdução”, quando foram explicitadas as características gerais da pesquisa; o capítulo dois, intitulado “A alfabetização no Brasil” discute as principais legislações e políticas públicas que integram o processo de alfabetização brasileiro; e o três, “Reflexões sobre a alfabetização e letramento”, que aborda as formas como os autores tratam a alfabetização e letramento e o modo que influenciam o processo de aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) dos discentes.

Em seguida, é descrita a construção metodológica que amparou o trabalho no “Percurso metodológico” e os principais resultados obtidos por meio da análise dos planos de aula e materiais didáticos da docente e como esses interferem no processo de ensino aprendizagem dos alunos em “Aproximações da prática de uma professora alfabetizadora de uma turma do 1º ano do EF”. Por fim, apresentamos as “Considerações finais” a respeito da temática em questão.

2 ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A Constituição Federal Brasileira de 1988 em seu Art. 205 determina que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Sendo assim, entendemos que o direito à alfabetização é integrante desse direito público subjetivo, logo, sua negativa se apresenta como uma “dívida educacional” (Mortatti, 2010) e dever do Estado garantir as ações necessárias para sua efetividade.

Em sintonia com essa compreensão, apoiamo-nos na defesa da

educação, assim como a alfabetização, é um bem público, portanto, dever do Estado e direito fundamental de todos e todas. A garantia de educação pelo Estado é uma das condições para a construção de uma sociedade justa, livre e solidária. Por isso, precisamos lutar coletivamente por uma alfabetização plena (Contijo; Costa; Perovano, 2020, p. 19).

Segundo Bordignon e Paim (2015), apesar das intenções das políticas educacionais na garantia do direito à alfabetização no Brasil nas últimas décadas, muitas vezes esse é inviabilizado devido a diferentes fatores, entre os quais, as condições objetivas e subjetivas encontradas nas escolas, descontinuidade das políticas, falta dos familiares, formação, entre outros.

No artigo “Do que aprendemos ao que combatemos: dez mitos da alfabetização que precisam ser derrubados (2022)”, Eliane Peres (2022) problematiza a atual política de alfabetização no Brasil. Destaca a autora que as políticas de alfabetização no Brasil têm relação com a soberania nacional, a democracia e a autonomia. Para se ter uma sociedade justa, é preciso haver o desenvolvimento social; para isso, algo muito importante é que todos tenham acesso à alfabetização e à escola. Ela salienta dez mitos da atualidade que precisam ser derrubados, a saber:

1. O de que alfabetizar é “algo menor”;
2. O de que qualquer pessoa pode alfabetizar ou o de que qualquer pessoa pode falar sobre alfabetização;
3. O de que há uma perspectiva de alfabetização baseada em evidências científicas e outra que é ideológica;
4. O de que, do ponto de vista da pesquisa, se conhece uma sala de alfabetização exclusivamente a partir de uma metodologia de controle experimental e estatístico;

5. O de que o conhecimento do funcionamento do cérebro é suficiente para alfabetizar e instituir políticas públicas de alfabetização;
6. O de que o importante é definir e seguir um método;
7. O de que os chamados países desenvolvidos alfabetizam suas crianças com base nas ciências cognitivas e no método fônico;
8. O de que se pode prescindir da chamada “cultura empírica docente” [...];
9. O de que as teorias produzidas no Brasil são ineficazes, insuficientes e não científicas;
10. O de que vamos conseguir alfabetizar nossa população apartado da melhoria de suas condições de vida (PERES, 2022, p. 169).

Em 2014, o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) reafirmou o fenômeno da alfabetização entre os principais problemas da educação brasileira, explicitando o diagnóstico que

o fenômeno do analfabetismo funcional, cuja raiz é encontrada nas séries iniciais do ensino fundamental, expressa dificuldades presentes nos processos de escolarização, mostrando o seu distanciamento de adequados padrões de qualidade. Dados do Censo Demográfico de 2010 revelaram que 15,2% das crianças brasileiras com 8 anos de idade que estavam cursando o ensino fundamental eram analfabetas (Brasil, 2014, p. 26).

A partir desse diagnóstico, o texto do PNE determinou, por meio da meta cinco, como esforço nacional “alfabetizar todas as crianças, no máximo até o final do 3º ano do ensino fundamental” (Brasil, 2014, p. 35), o que, segundo Frade (2018), essa deve ser interpretada de maneira ampla, englobando não apenas o processo de alfabetização, mas também o uso social da escrita. Através desse conceito, é esperado obter resultados mais positivos na alfabetização no Brasil, considerando que uma parcela significativa de crianças chega ao terceiro ano sem saber ler e escrever.

Desse modo, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), instituído pelo governo federal no ano de 2012, se apresentou entre as estratégias implementadas pelo governo federal, em parceria com os demais entes federados, no sentido de garantir a execução dessa meta, reconhecendo que

o grande desafio anunciado seria o de garantir a plena Alfabetização dos estudantes até o fim do 3º ano do Ensino Fundamental, [...], enfatizando a valorização do trabalho em grupo por partes dos professores que, por meio da formação continuada presencial, possibilitaria a reflexão e a troca de conhecimentos. (Costa; Figueiredo; Cossetin, 2021, p. 634).

Esse pacto representou um compromisso conjunto das políticas educacionais durante os primeiros anos da escolarização (1º ao 3º ano do EF), visando à mobilização nacional para garantir o direito à alfabetização através da orientação e apoio pedagógico voltado especificamente para a alfabetização de crianças, incluindo a realização de avaliações periódicas para monitorar o progresso e desenvolvimento dos estudantes (Souza, 2014), além da distribuição de materiais didáticos. Para Souza (2014, p. 11),

o intuito é de alfabetizar todas as crianças do ensino público até os 8 anos de idade propondo, entre seus eixos de atuação, a formação continuada de todos os professores da rede pública cadastrados no senso de 2012 como professor alfabetizador.

Assim, as proposições do PNAIC concentravam-se em:

[...] oferecer formação continuada aos professores, incentivá-los com concessão de bolsas de estudos, oferecer materiais que direcionam as ações em sala de aula e controlar os resultados por meio da Avaliação Nacional da Alfabetização, buscando atingir as metas do PNE e a porcentagem máxima de crianças alfabetizadas no 3º ano do Ensino Fundamental I, até o ano de 2024. [...] são ações, que denunciam a preocupação central, que é a melhora de índices quantitativos e, apreende-se a formação mínima – Língua Portuguesa e Matemática (Cossetin; Pilarski, 2020, p. 142).

Cabe ainda explicitar os princípios centrais norteadores do trabalho pedagógico do PNAIC:

1. o Sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador;
2. o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias;
3. conhecimentos oriundos das diferentes áreas podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade;
4. a ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem (Brasil, 2012, p.27).

Na sequência, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017, também dedicou atenção à alfabetização, ressaltando a importância de concentrar esforços nas práticas com essa finalidade durante os dois primeiros anos do EF, trazendo

que o trabalho docente nesse segmento deve ter como objetivo principal alfabetizar, devendo esse processo ser finalizado até o fim do 2º ano do ensino fundamental (Brasil, 2017).

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (Brasil, 2017, p. 59).

Com relação ao processo de alfabetização, é esperado que os alunos adquiram ao longo dos dois primeiros anos no EF:

nesse processo, é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua. (Brasil, 2017, p.90).

A proposta de alfabetizar crianças até esse marco temporal, segundo essa perspectiva, visa promover equidade e igualdade de oportunidades para todos os alunos do país, especialmente os mais desfavorecidos e aqueles que frequentam escolas públicas, reconhecendo que a alfabetização é fundamental para o sucesso na trajetória educacional e proporcionar condições igualitárias de aprendizagem significa que as futuras competições na vida adulta serão disputadas em termos mais equitativos; esperando, portanto, que as crianças se apropriem do sistema alfabético de escrita e sejam capazes de ler e escrever textos simples, com apoio dos professores e colegas, como por exemplo, receitas, bilhetes, cartas, entre outros.

De acordo com Contijo, Costa e Perovano (2020, p. 12), a partir da análise do texto da BNCC, o que se espera das crianças nos dois primeiros anos do EF é a alfabetização, ou seja, enquanto foco da ação pedagógica. No entanto, esse processo se restringe

[...] à aprendizagem da técnica da escrita com finalidades ligadas à aplicação em situações práticas. É necessário lembrar que, no modelo funcional ou na

perspectiva do letramento (termos que, em nossa opinião, têm o mesmo significado), a alfabetização, entendida como aquisição do código escrito ou de habilidades de codificação e decodificação, é a base para a atuação em contextos situados e, também, para a mudança dos contextos dos quais as crianças fazem parte.

Concordamos com as autoras Contijo, Costa e Perovano (2020, p. 12) que analisam que

os elementos descritos na transcrição demonstram que, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ênfase é na aquisição do código escrito. Nesse sentido, o único eixo privilegiado, em todos os campos de atuação, é a análise linguística. Excetuando a primeira habilidade a ser trabalhada no processo de alfabetização, as demais têm norteado métodos, cartilhas e livros didáticos organizados de acordo com os métodos analíticos e os sintéticos. A ênfase nessas habilidades, ao longo da história, não tem resultado na alfabetização plena das crianças.

Nesse sentido, essa compreensão do “processo de alfabetização é um enorme retrocesso com relação aos estudos da linguagem e, mais especificamente, no que diz respeito ao ensino da linguagem escrita nas escolas públicas” (Contijo; Costa; Perovano (2020, p. 12). Ainda segundo as autoras,

em termos conceituais, diferentemente do que pressupõe o modelo funcional e, portanto, a BNCC, a alfabetização precisa ser pensada como uma prática sociocultural em que as crianças, adolescentes, jovens e adultos, por meio do trabalho integrado com a produção de textos orais e escritos, a leitura, os conhecimentos sobre o sistema da língua portuguesa e das relações entre sons e letras e letras e sons, exerçam a criticidade, a criatividade e a inventividade, isto é, pratiquem na escola a cidadania. (Contijo; Costa; Perovano (2020, p. 19).

Contribuindo com a análise, Morais (2020) defende que a BNCC é um documento bastante falho, uma vez que deveria seguir documentos previamente regulamentados, como: a Constituição Federal Brasileira (CFB) de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e o Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014. Em consonância, Morais, Silva e Nascimento (2020) identificaram inúmeras falhas no documento, tais como a não promoção da consciência fonológica e prescrita, não promoção do ensino de habilidades de compreensão e leitura antes do ensino fundamental, assim como de produção de textos, e a redução do ciclo de alfabetização para dois anos.

As deficiências apontadas pelos autores estão relacionadas à falta de compromisso da Base em oferecer condições para que as crianças aprimorem sua compreensão do sistema de escrita alfabética.

Assim, Morais (2022, p. 5) afirma:

o que defendo é que as crianças sejam ajudadas a avançar na compreensão do SEA, para que, além de viverem o direito de participar de práticas letradas, nas quais textos de diferentes gêneros são lidos e escritos, não cheguem ao primeiro ano ainda com uma hipótese pré-silábica de escrita, algo que não se vê entre a quase totalidade das crianças de classe média.

Por fim, mais recentemente, o governo federal lançou o Compromisso Criança Alfabetizada e que tem por objetivo garantir a alfabetização de todas as crianças até o final do 2º ano do EF, bem como recuperar as aprendizagens que sofreram impacto direto diante da pandemia da Covid-19 no início do ano de 2020. A iniciativa desse programa se deu mediante análise dos resultados das provas realizadas pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), nos anos de 2019 e 2021, que constataram “[...] do ponto de vista da proficiência média das crianças submetidas à avaliação, houve uma queda no desempenho” (Brasil, 2023).

Dessa forma, é possível notar a continuidade dos documentos e leis para atender às necessidades educacionais em cada momento da história da alfabetização no Brasil. São novos horizontes a serem percorridos, sendo necessários ajustes e novas perspectivas para atender às demandas atuais em relação ao processo de alfabetização.

3 REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Durante muitos anos, diversos estudiosos têm se dedicado a pesquisar sobre o processo de alfabetização no Brasil. Eles não apenas exploraram como as pessoas aprendem a ler e escrever, mas também enfatizaram sua relevância para a formação política, histórica e cultural de cada pessoa, moldando sua maneira de interagir com a sociedade.

No início do século XX, período que configura a fase de institucionalização da alfabetização e valorização do método analítico, a habilidade de escrever o próprio nome era valorizada por várias razões, incluindo a participação política, especialmente o direito de voto em uma democracia. Entretanto, à medida que a sociedade brasileira passava pelo processo de industrialização e um grande fluxo de trabalhadores migrava do campo para as áreas urbanas em busca de emprego e melhores condições de vida, ficou cada vez mais claro que a habilidade de compreender o que estava escrito era fundamental. Isso levou à necessidade de expandir o processo educacional e à crescente preocupação com a alfabetização, dessa forma, o conceito de alfabetização começou a abranger mais do que simplesmente a habilidade de decifrar palavras escritas e tornou-se essencial também compreender o significado do texto e desenvolver a capacidade de interpretar e contextualizar a informação.

Contribuindo, Soares (2020) afirma que, a partir da década de 1980, no Brasil “ganham evidência conhecimentos que vinham sendo construídos, em várias ciências, sobre o processo de aprendizagem da língua escrita pela criança e sobre o objeto dessa aprendizagem, gerando mudanças na concepção de alfabetização” (p. 10- 11,). Entre esses estudos, podemos evidenciar a Psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), sobre os aspectos linguísticos pertinentes à alfabetização, rompendo com a concepção de língua escrita como código, além de evidenciarem a atuação ativa do aprendiz frente à apropriação do sistema de notação.

Desse modo, “aprender o sistema alfabético não é aprender um código, memorizando relações entre letras e sons, mas compreender o que a escrita representa e a notação com que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons da fala, os fonemas” (Soares, 2020, p.11).

Em relação à essa teoria, Morais (2005, p. 53) afirma:

[...] numa óptica claramente construtivista, a teoria propõe que, no percurso evolutivo já tão conhecido de muitos educadores (etapas pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética), a criança formula (hipóteses) diferente para duas aquelas duas questões conceituais básicas... Isto é, ela constrói respostas próprias, não ensinadas pelo adulto, para as questões o que a escrita representa/nota, e como a escrita cria representações/notações?

Nesse sentido, é importante situar ainda os estudos de Soares (2010) em relação à alfabetização e letramento. Conforme a autora, a alfabetização é concebida como um processo mais abrangente, indo além do simples domínio da leitura e escrita, incluindo a formação de cidadãos críticos e participativos. Ou seja, a alfabetização transcende a simples aquisição das letras e sons: ela abarca também a compreensão do sistema de escrita, suas normas e suas implicações sociais. Para a autora, alfabetizar significa capacitar o indivíduo a interpretar e produzir textos, promovendo, assim, sua capacidade de leitura crítica e escrita autônoma, habilidades essenciais para a participação eficaz na sociedade contemporânea.

Logo, percebemos que as crianças e adultos têm contato com a escrita e leitura mesmo antes de ingressarem na escola, graças à sua inserção nas práticas sociais, ou seja, a partir dos eventos de letramento. Complementa a autora:

[...] essa introdução ao mundo da escrita, na escola, não se caracteriza como um momento inaugural de entrada em um mundo desconhecido: embora ainda ‘analfabeta’, a criança já tem representações sobre o que é ler e escrever, já interage com textos escritos de diferentes gêneros e em diferentes portadores, convive com pessoas que leem e escrevem, participa de situações sociais de leitura e de escrita [...] (Soares, 2005, p. 69).

Para Soares (2005), o letramento não se resume apenas à habilidade de ler e escrever, mas também engloba a compreensão e utilização crítica das práticas sociais que envolvem a linguagem escrita. Ser letrado significa ser capaz de interpretar e produzir textos de forma reflexiva, possibilitando uma participação mais efetiva na sociedade.

Logo, a defesa da autora é pela condução do processo de alfabetização no contexto das práticas de letramento, ou seja, do alfabetizar letrando. Desse modo, Soares (2010, p. 14) evidencia alfabetização e letramento como processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis:

[...] a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por

sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Desse modo, alfabetizar letrando consiste em

[...] aprende a ler palavras com base em textos reais que lhe foram lidos, que compreenderam e interpretaram – palavras destacadas desses textos, portanto, contextualizadas, não palavras artificialmente agrupadas em pseudotextos, não mais que pretextos para servir à aprendizagem de relações grafema-fonema; e aprende a escrever palavras produzindo palavras e textos reais – não palavras isoladas, descontextualizadas, ou frases artificiais apenas para prática das relações fonema-grafema; e ao mesmo tempo vai aprendendo a identificar os usos sociais e culturais da leitura e da escrita, vivenciando diferentes eventos de letramento e conhecendo vários tipos e gêneros textuais, vários suportes de escrita: alfabetizar letrando (Soares, 2018, p. 350).

A escola, especialmente para crianças com acesso limitado a livros em casa, desempenha um papel crucial, ao oferecer oportunidades para aprimorar suas habilidades de leitura e escrita. É importante reconhecer que o ensino da alfabetização deve ser abordado de maneira sistemática e intencional pelos professores, incorporando estratégias que promovam, tanto a alfabetização, quanto o letramento, o que inclui uma variedade de atividades, como leitura de diferentes tipos de textos, jogos, músicas e histórias que se conectem ao cotidiano das crianças. O acesso à leitura e escrita deve ser universalizado e, na escola, é crucial trabalhar com uma ampla gama de gêneros textuais para criar consciência sobre a função social da escrita e leitura (Smolka, 2003).

Nessa direção, Soares (2004) indica que

[...] na escola, eventos e práticas de letramento são planejados e instituídos, selecionados por critérios pedagógicos, com objetivos predeterminados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividade de avaliação. De certa forma, a escola autonomiza as atividades de leitura e escrita em relação a suas circunstâncias e usos sociais, criando seus próprios e peculiares eventos e suas próprias e peculiares práticas de letramento (Soares, 2004, p.107).

De acordo com a autora, a condução do processo de alfabetização no contexto das práticas de letramento não pode ser entendida como um conjunto de atividades desarticuladas e descontínuas, mas sim, mediante a garantia de situações significativas que levem a “criança a *aprender* a ler e escrever, envolvendo-se em atividades de

letramento, isso é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita” (Soares, 2020, p.27).

Assim, concluímos que as mudanças da concepção de alfabetização, desde o início do século XX até a contemporaneidade, moldaram a perspectiva de que esse processo por si só não é suficiente para consolidar a apropriação do SEA e aqui se destacam os estudos de Magda Soares (2020) sobre a necessidade de alfabetizar no contexto das práticas de letramento.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa que, segundo Godoy (1995), busca analisar um determinado fenômeno e o contexto do qual faz parte, por meio da perspectiva de uma ou mais pessoa(s) envolvida(s). Esta abordagem desempenha um papel fundamental no entendimento aprofundado e na exploração de fenômenos complexos, como experiências individuais, percepções, significados e contextos sociais. O estudo foi conduzido em uma escola municipal localizada na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba.

A seleção dessa instituição derivou de nossas aproximações, a partir das experiências como facilitador de oficinas e atividades do estágio obrigatório. A escola em questão garantiu um ambiente propício para investigar os temas e questões pertinentes ao estudo em pauta e a pesquisa foi conduzida a partir da colaboração de uma professora alfabetizadora que, na época, atuava numa turma do 1º ano do EF.

A docente, que na época tinha 47 anos de idade, possui o curso de magistério e o curso de Pedagogia e, em 2016, iniciou sua jornada profissional na escola como prestadora de serviço. Desde então, já atuou em turmas do Infantil V ao 3º ano do EF, acumulando mais de 8 anos como alfabetizadora. A escolha desta profissional foi fundamentada nas considerações da equipe gestora, que a reconhece como uma referência no processo de alfabetização. O fato de ela ter trabalhado em diversos níveis de ensino, além dos anos dedicados especificamente à alfabetização, despertou o interesse em analisar sua prática.

A participação ativa dessa educadora foi fundamental, pois ela compartilhou informações valiosas e *visões* sobre o processo de alfabetização nessa etapa crucial da educação, o que permitiu uma compreensão mais aprofundada da dinâmica de sala de aula, dos desafios enfrentados pelos alunos e das estratégias pedagógicas mais ajustadas para promover o aprendizado significativo dos alfabetizandos. Ao longo do estudo, foram observadas e analisadas diversas estratégias de ensino, bem como o contexto mais amplo em que sua prática se inseria, visando a obter uma compreensão abrangente dos processos educacionais em vigor, identificar a concepção de alfabetização da docente e como traduzia a construção de sua prática.

Com o propósito de alcançar os objetivos delineados neste estudo, foram empregados como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada, observação e análise de fontes documentais.

Em relação à entrevista, essa etapa foi conduzida a partir de um roteiro previamente definido (Apêndice B), recurso que auxilia no percurso da entrevista, de modo que haja uma sequência lógica entre os tópicos (Lüdke; André, 1986), tentando compreender a concepção de alfabetização da docente. Quanto à análise das fontes documentais, foram considerados planejamentos e propostas de aulas/atividades para o ano letivo de 2022 relacionados à alfabetização de modo objetivo, método que, conforme Caulley (1981, p.38), visa "identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse".

Por fim, realizamos a observação das aulas com o objetivo de analisar as atividades e recursos propostos pela professora, tendo em vista a alfabetização. As observações foram realizadas no período da tarde, seguindo um roteiro de observação (Apêndice A) no período de 5 (cinco) dias. Esse processo incluiu uma análise detalhada de como esses conteúdos eram desenvolvidos e de que maneira contribuem para o progresso dos alunos no processo de aquisição da leitura e escrita, durante quatro dias, contando com o respaldo das definições de Deslauriers, Groulx e Laperrière (2008), que esclarecem que a observação é uma técnica na qual o pesquisador estabelece um contato direto com o participante da pesquisa, buscando identificar e descrever situações relevantes. Durante esse processo, foram feitas anotações sobre a prática pedagógica, a fim de identificar como a docente traduzia a construção de sua prática.

Após conduzir a entrevista com a docente, o próximo passo consistiu em realizar uma transcrição de suas respostas, etapa essencial para garantir a precisão e a fidelidade ao conteúdo original. Esta ação permitiu uma análise detalhada dos dados obtidos, possibilitando a compreensão mais aprofundada das percepções, vivências e conhecimentos compartilhados pela professora, fornecendo a base para a elaboração de conclusões e interpretações relevantes.

A análise dos dados foi realizada por meio de anotações e apontamentos realizados durante as observações das aulas, associada à interpretação do planejamento pedagógico do ano letivo de 2022 em consonância às informações da entrevista.

5 APROXIMAÇÕES DA PRÁTICA DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA DE UMA TURMA DO 1º ANO DO EF

Inicialmente, é importante mencionar que a docente preferiu não ser identificada, nesse caso adotamos o pseudônimo de “Professora”. A entrevistada relatou que gosta de trabalhar com turmas de 1º ano do EF por se sentir bem com crianças recém-saídas da educação infantil. Contou também que escolheu a docência por influência de sua irmã que, na época, já era professora:

eu não quis me deter ao magistério. Ele foi muito importante para mim e para o início da minha vida como professora. Então quando eu fui fazer Pedagogia, eu já estava casada, com dois filhos pequenos para criar e uma casa para cuidar. Foi muito corrido! Pensei em desistir várias vezes, mas eu nunca tentei parar. Mesmo com as dificuldades, eu enfrentei e consegui me formar. E para minha sorte, eu já saí formada, vindo direto para essa escola, e estou aqui desde então (Professora, 2022).

Ao perguntarmos sobre sua atuação como docente, a professora ressaltou a desvalorização da classe dos professores e o pouco reconhecimento perante a sociedade. Apesar disso, diz que ama o que faz e que não consegue se ver fazendo outra coisa que não seja lecionar. A partir dessas informações, percebemos que a entrevistada se encontra no que Huberman (1992) chama de Fase da Diversificação do Ciclo de Vida Profissional dos Professores, que se constitui como uma experimentação, na qual os professores se sentem mais seguros e preparados, tomando como ponto de partida sua experiência pessoal, para fazer com que o processo de ensino-aprendizagem seja mais dinâmico.

Em seguida, perguntamos à docente sobre sua concepção de alfabetização e ela descreve como “o processo de aprendizagem do alfabeto em que as crianças desenvolvem a habilidade de leitura e escrita.” (Professora, 2020). Na ocasião, ela enfatizou que sua prática pedagógica é pautada na perspectiva freiriana, o qual adota a própria realidade dos alunos e seus conhecimentos prévios como pressuposto para o processo de alfabetização, assim como o uso de palavras geradoras. Assim, ela evidencia:

eu tento trazer para sala de aula aquilo que os meus alunos geralmente conhecem e veem em suas casas, em sua rua. É buscar a realidade deles, fazer com que conheçam as letras que formam a palavra, e daí gerar conhecimento a respeito daquilo (Professora, 2022).


Apesar de a referência da professora ao método freireano como norteador de sua prática docente, essa não condiz com a metodologia que pode ser observada a partir dos exemplos aqui explorados, pois, o foco de sua mediação acabou sendo a exploração de palavras e padrões silábicos, sem nenhuma devida problematização e referência às realidades dos aprendizes. Ou seja, sua intencionalidade estava voltada para a exploração das relações grafofônicas, identificadas durante os momentos de observação, evidenciando, com isso, uma perspectiva de alfabetização tradicional, realizada a partir de atividades mecânicas, sem a contextualização da realidade das crianças.

Seguindo essa perspectiva, afirma Freire (1985, p. 28):

para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse "enchendo" com suas palavras as cabeças supostamente "vazias" dos alfabetizandos.

Na sequência, outro aspecto da análise diz respeito ao modo como a professora organizava sua prática com foco na alfabetização, mencionando que o modelo de planejamento é estabelecido pela equipe gestora e entregue às professoras. Como podemos observar, neste modelo há cinco campos a serem preenchidos semanalmente, como mostra a imagem a seguir:

Figura 1 - Planejamento das aulas

 cidade que cuida E.M.E.I.F.F. PLANO DE AULA SEMANAL					
ANO(S) TURMA(S): 1º ANO _____					
PROFESSOR(ES)(AS): _____					
SEMANA DO PLANO: _____					
COMPONENTE CURRICULAR	UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADES COM OS CÓDIGOS Revisadas e prioritárias	RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLÓGICOS	

Fonte: Acervo da professora (2022).

A professora ressaltou que o planejamento tem como ponto de partida a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), promovendo atividades que atendam às habilidades que constam no documento a serem desenvolvidas pelos alunos. Ademais, ela relatou que a organização das aulas não era feita individualmente: os planejamentos com toda a programação semanal são divididos entre ela e mais três professoras das demais turmas do 1º ano e cada uma ficava responsável por planejar e elaborar as aulas de uma semana no mês. Por mais que cada docente tenha esse momento de planejar, elas estão em constante diálogo para adaptar as atividades, objetivando um maior aproveitamento por parte dos alunos, conforme enfatizou a professora.

Então, nós professoras conversamos entre si para criar o planejamento semanal baseado no que foi estabelecido no plano anual. Quando finaliza, enviamos para a coordenação que faz a leitura do documento e aponta aquilo que pode ser melhorado. [...] ai o documento retorna pra gente, a gente faz as mudanças até o domingo, para dar tempo de preparar os recurso[...] (Professora, 2022).

As aulas são estabelecidas no início do ano letivo, mediante um horário montado em conjunto com a equipe gestora e os professores. Após a consolidação dos componentes curriculares que serão ministrados em cada dia da semana, o horário é enviado individualmente para as professoras, como é demonstrado no quadro a seguir.

Quadro 1 - Fluxograma das aulas da turma da entrevistada.

Horários/Dias	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
13:00 às 13:50	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
13:50 às 14:40	Educação Física	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Matemática
14:40 às 14:55	Intervalo				
14:55 às 15:45	Educação Física	História	Ciências	Educação Física	Artes
15:45 às 16:35	Matemática	Ciências	Ensino Religioso	Geografia	Artes
16:35 às 17:25	Ciências	Geografia	História	História	Geografia

Fonte: Acervo da Professora (2022).

Com isso, concluímos que era atribuída centralidade ao processo de alfabetização na programação de aulas e o planejamento desse processo seguia, portanto, a programação de padrões silábicos que deveriam ser trabalhados em cada período, ou seja, partindo da exploração das letras, formação de sílabas e progredindo para a escrita de palavras, considerações constatadas a partir das observações e diante do planejamento apresentado pela professora, como consta no trecho retirado do planejamento referente ao mês de março de 2022:

Figura 2 - Proposta de aula envolvendo a letra B.

S E G U N D A	Linguagem oral e escrita	Padrão silábico da letra B	- Apresentar a família silábica da letra B e perguntar se eles conhecem objetos que tenham em seus nomes as sílabas BA, BE, BI, BO, BU. observar o padrão silábico para auxiliar na realização das atividades, formação de palavras com a consoante B
	Matemática	Lateralidade (direita ou esquerda)	

Fonte: Acervo da professora (2022).

Ademais, são identificados aspectos que demonstram o caráter sintético da prática de alfabetização da professora. Analisando as propostas de aula de todo o ano letivo voltadas ao componente Língua Portuguesa, conforme consta no quadro abaixo, compreendemos que a docente trabalhava a cada mês de forma sequenciada, as consoantes e suas respectivas famílias silábicas, a partir de estratégias de ensino similares para todas elas.

Quadro 2 - Relação das propostas de aulas visando a alfabetização elaboradas pela entrevistada.

Mês	Unidade Temática	Desenvolvimento
Março	Padrão silábico da letra B	Apresentar a família silábica da letra B e perguntar se eles conhecem objetos que tenham em seus nomes as sílabas BA, BE, BI, BO, BU. Observar o padrão silábico para auxiliar na realização das atividades, formação de palavras com a consoante B.

Abril	Alfabeto (Reapresentação) Letra C / Padrão silábico Família silábica da letra D/d	Reapresentar as letras do alfabeto e a sua ordem. Letras iniciais das palavras; apresentar a Letra C e família silábica e apresentar palavras iniciadas com C, destacando o padrão silábico. (Atividade em xerox/caderno) Apresentar o padrão silábico da letra D/d, copiar a família silábica da consoante D. Atividade na folha xerocada
Mai	Apresentação do padrão silábico Letra F. Alfabeto (reapresentação) Letra G/ padrão silábico. GA – GO – GU.	Apresentar fichas da família silábica em estudo, conversar sobre o que apresenta o som da consoante. Formação de palavras usando o alfabeto móvel. Leitura do alfabeto; destacar no alfabeto a letra F; Juntar a letra F as vogais (a, e, i, o, u) formando sílabas. Em círculo apresenta-se através de fichas a família silábica G, conversa sobre o que conhecem que inicia com a letra G, apresentar o som da consoante. •Aprender novas palavras que possuam o som da letra G e fazer o registro no caderno.
Junho	Padrão silábico da letra H Padrão silábico - letra J e sua grafia	Apresentação da letra H; Nomear letra H reconhecendo suas peculiaridades, Identificar letra H nas palavras apresentadas; Apresente a letra conversando com os alunos sobre as peculiaridades desta letra. Apresentar o padrão silábico da letra J, escrevendo a família silábica da consoante. Atividade na folha xerocada
Julho	Apresentação do padrão silábico Letra L. Formação de palavras a partir das sílabas Padrão silábico; Letra M.	Apresentar a letra L e a família silábica, apresentar palavras iniciadas com L, destacando o padrão silábico. Atividade impressa; Apresentação da consoante e padrão silábico Letra M. Apresentar fichas com palavras que têm a letra em estudo, realizando a leitura.
Agosto	Padrão silábico - Letra N Padrão silábico Letra P/p.	Apresentar a família silábica da letra N e apresentar palavras iniciadas com N, destacando o padrão silábico. • Formação de palavras a partir da sílaba inicial. (Atividade impressa) Apresentação da letra família em estudo. Apresentar a palavra PIPOCA em seguida convida os alunos para nomear: letras, quantidade de letras e sílabas.
Setembro	Padrão silábico Letra Q/q Lista de palavras utilizando o padrão silábico da letra Q Padrão silábico Letra R/r	Reapresentar a família, silábica da letra e apresentar palavras iniciadas com Q, destacando o padrão silábico. Atividade impressa Apresentação da letra família do padrão silábico R/r. Consoante R e seus sons: inicial, meio e final da palavra. Formação de palavras e frases orais e escritas. Atividade impressa.

Outubro	Apresentação da letra S e do seu padrão silábico Padrão silábico Letra T/t	Aula explicativa e expositiva destacando e expondo na lousa a letra S, apresentando seu padrão silábico e formação de palavras iniciadas com a letra S. Atividade realizada no caderno e retirada do quadro. Leitura do alfabeto; destacar no alfabeto a letra T; Juntar a letra T as vogais (a, e, i, o, u) formando sílabas.
Novembro	Padrão silábico Letra V/v. Padrão silábico da letra X Consoante Z/z e padrão silábico	Apresentação da letra família do padrão silábico V/v; Mostrar alguns objetos que iniciam com a letra V, em seguida apresentar o texto A Vaca escrito em papel madeira, realizar a identificação da letra, leitura e interpretação. - Apresentação do padrão silábico da letra X. Construir com os alunos lista de palavras com a letra em estudo, realizar leitura coletiva das palavras com realização de atividade escrita no caderno. Construir com os alunos ficha de leitura com palavras iniciadas ou que tenha a consoante Z/z.
Dezembro	Reapresentação da Letra Z /z e do seu padrão silábico. Letras estrangeiras K,W,Y. Apresentação	Apresentação das letras e palavras com as letras estrangeiras. Atividade de pesquisa de palavras e colagem no caderno de desenho.

Fonte: Acervo da professora (2022).

Nesse sentido, entendemos que, ao planejar, o professor alfabetizador precisa mobilizar diferentes recursos e estratégias de ensino de modo a alfabetizar letrando, assim como defende Soares (2018), garantindo aos aprendizes o direito à alfabetização. Conforme apontado ainda pela autora, o professor alfabetizador precisa compreender as práticas de alfabetização e letramento, os fundamentos da escrita, os diversos tipos de texto e os elementos linguísticos envolvidos. Além disso, é fundamental compreender o que está sendo ensinado e como ocorre o processo de aprendizagem.

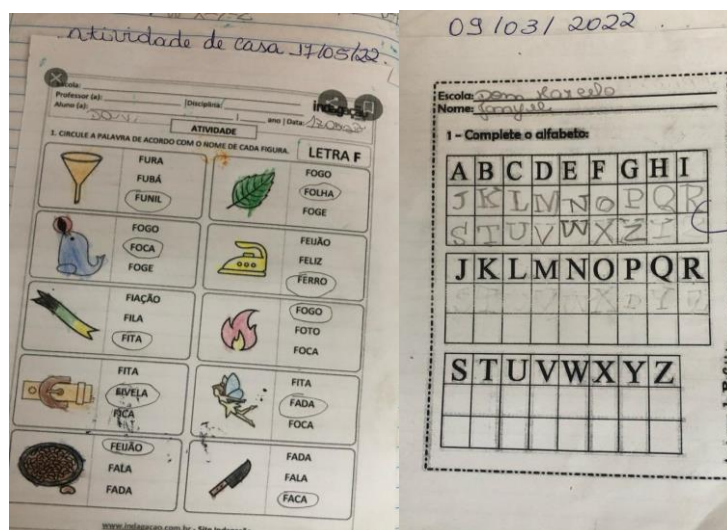
Em concordância, Lopes (2022) menciona em sua tese que

alfabetizar não significa que ocorre somente nas aulas expositivas, como também nos momentos de brincadeira em que a criança ao ouvir uma história infantil poderá fazê-la ouvir, raciocinar, reconhecer as letras e, conseqüentemente, produzir a escrita. No processo de alfabetização é indispensável o reconhecimento da realidade em que se vive (p. 15).

O que a autora ressalta é a importância de reconhecer que o processo de alfabetização não deve se limitar às atividades de sistematização, mas também envolvendo os momentos de brincadeira e interação, considerando as diversas experiências e contextos de aprendizagem dos educandos.

Ademais, atentemos para as atividades e recursos propostas pela docente voltados à alfabetização. Identificamos na sua fala menção ao emprego de livros de literatura infantil, jogos didáticos, livros didáticos, atividades no caderno, entre outros. Todavia, foi possível constatar o emprego expressivo de atividades xerocadas em sala de aula e como atividade de casa. Tais atividades objetivavam o trabalho de escrita e identificação de letras, além da exploração gradual das famílias silábicas. A título de exemplo, temos a Figura 3:

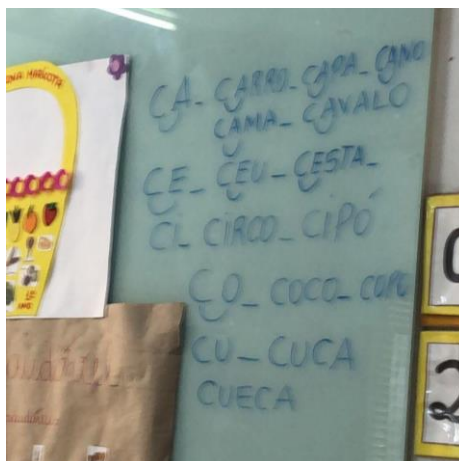
Figura 3 - Atividades propostas para casa.



Fonte: Próprios autores (2022).

A professora destacou que essas atividades ajudam os alunos no processo de alfabetização, evidenciando que é uma questão bastante discutida nos planejamentos com a equipe pedagógica. No registro abaixo, identificamos que a docente estava apresentando a letra C e sua família silábica. Durante a observação, não houve uma problematização ou alguma tentativa de associação com a realidade dos estudantes ou até mesmo dos conhecimentos prévios.

Figura 4 - Atividade desenvolvida em sala de aula - letra C.



Fonte: Próprios autores (2022).

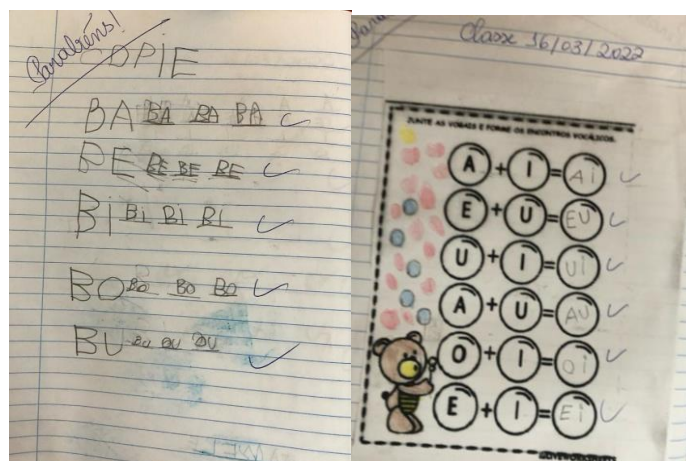
Na mediação, a docente fez a leitura das sílabas para que os alunos as repetissem. Posteriormente, solicitou que as crianças dissessem o nome de um objetivo que iniciasse com a mesma sílaba explorada. Considerando que este momento inicial era de apresentação ou identificação da consoante em questão por parte dos aprendentes, grande parte dos registros escritos no quadro foi da própria docente.

Concordamos com Smolka (2003, p. 63) que defende outra perspectiva de alfabetização que evidencia a sala de aula como um espaço de interação e mediação constante:

[...], a alfabetização é um processo discursivo; a criança aprende a ouvir, a atender o outro pela leitura; aprende a falar, a dizer o que quer pela escrita. (mas esse aprender significa fazer, usar, praticar, conhecer. Enquanto escreve, a criança aprende a escrever e aprende sobre a escrita) isso traz as implicações pedagógicas os seus aspectos sociais e políticos.

Outro exemplo de atividade proposta pela professora consta a seguir:

Figura 5 - Atividades propostas em sala de aula.



Fonte: Próprios autores (2022).

Em adição, ao perguntar sobre as atividades desenvolvidas, ela explicou que buscava na internet atividades prontas voltadas à alfabetização e anexava ao plano semanal, desenvolvido com base no planejamento anual. Assim, ela tomava essa atividade para todos os alunos. Quando isso era possível, a referida enfatizou que buscava transcrever no quadro a fim que as crianças escrevessem em seus cadernos, para que pudessem responder juntos. Em relação a isso, a entrevistada relatou que “[...] é uma forma mais fácil de conseguir cumprir o que está estabelecido no planejamento, tendo em vista que os horários são muito corridos e temos duas turmas para dar conta.”. (Professora, 2022).

Diante do exposto, é possível verificar a massiva quantidade de atividades mecânicas que não são de grande valia, pois não fazem com que o aluno pense a respeito do que está fazendo ou reflita sobre sua própria aprendizagem, sendo este condicionado a atividades de reprodução e imitação. Como destaca Soares (2020) essas atividades não acrescentam ao aluno um olhar crítico reflexivo sobre o processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabético, pois, para a consolidação do processo de alfabetização, o aluno deve ser imerso a atividades que contribuam para a reflexão do que se está escrevendo/lendo. Assim, segundo a autora,

seria artificial (impossível!) pretender levar a criança adquirir a fala ensinando-a pronunciar fonemas e reuni-los em sílabas, estas em palavras, para enfim chegar aos textos que a habilitassem a interagir com o convívio social, também se torna artificial levar a criança a aprender a leitura e a escrita desligadas de seu uso, ensinando-a a reconhecer e traçar letras, relacioná-las a valor sonoro, juntá-las com as sílabas, essas em palavras, para enfim ler e escrever textos, tornando-se capaz de inserir-se no mundo da escrita (Soares, 2020, p. 35).

Em concordância com o que foi discutido anteriormente, Emilia Ferreiro ressalta a importância de reconhecer o aluno não como um simples receptáculo passivo de conhecimento, mas sim como um indivíduo ativo, que pensa e interage com o mundo ao seu redor. Como ela observa: “[...] por trás da mão que segura o lápis, dos olhos que observam, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa” (FERREIRO, 1985, p. 68). Nessa perspectiva, ela enfatiza que o processo de alfabetização não é de forma alguma mecânico para a criança que está aprendendo (Ferreiro, 1985, p. 68).

Relacionado aos recursos utilizados, a docente por sua vez evidenciou a versatilidade em suas propostas e enfatiza a eficácia destas em sala, e completa que procura elaborar atividades de alfabetização, com estímulo à escrita e incentivando a leitura, com o uso de diferentes gêneros textuais para o aluno interagir com o mundo letrado, e comenta *“eu faço uso do livro didático como um dos principais aliados, pois é preciso usá-lo, mas também trago joguinhos e brincadeiras, porque criança gosta mesmo é de brincar!”* (Professora, 2022).

O trabalho com leitura, segundo a entrevistada, era feito diariamente com os alunos no intuito de instigá-los a adotar um hábito de leitura que também esteja presente em suas casas. Sendo assim, em um dado momento do dia, reunia os seus alunos no cantinho da leitura e juntos escolhem uma história para ler. Entretanto, diante das observações realizadas bem como a análise ao planejamento da professora, não foi possível identificar tais momentos.

Em seguida, perguntamos quais os recursos e estratégias de ensino que costumava empregar em sala com o intuito de alfabetizar:

[...] normalmente leio histórias, uso letras nas brincadeiras e jogos, além de realizar brincadeiras como escrever listas ou cartinhas, e desenhar. São ótimas opções para estimular as crianças no processo de alfabetização (Professora, 2022).

Quando questionada a respeito dos jogos desenvolvidos e aplicados em sala, a docente elencou os mais conhecidos, como bingo de letras, alfabeto estourado, pescaria das letras, amarelinha do alfabeto, bem como destacou a importância desses recursos como aliados no processo de alfabetização:

jogar é com eles mesmo. Eles adoram! Qualquer atividade de jogo que eu trago, a sala toda se anima. Geralmente eu uso o bingo, e faço o bingo com sorteio de

alguma coisa. O jogo da memória das letras também! Com isso, eu consigo fazer com que se divirtam e aprendam ao mesmo tempo (Professora, 2022).

Um aspecto que nos chamou a atenção na fala da docente foi que no planejamento apresentado no Quadro 2, bem como relacionando a vivência em sala de aula, não há nenhum registro de jogos a serem utilizados nas aulas. Evidencia-se, como mencionado anteriormente, o caráter expositivo das aulas e da forma como ela trabalha as letras do alfabeto e os padrões silábicos isoladamente.

Os jogos didáticos têm sua relevância e contribuição no aprendizado dos estudantes e devem ser incorporados à prática pedagógica. O conhecimento é construído nas relações criadas a partir dos jogos, uma vez que os aprendizes conseguem se relacionar, tornando a aprendizagem mais significativa, como aponta Rodrigues (2013, p. 42)

os jogos e as brincadeiras devem estar presentes no cotidiano escolar, possibilitando às crianças aprenderem com alegria, entusiasmo e motivando-as a fazerem o que mais gostam e sabem fazer: brincar, emocionar-se, criar, sorrir, sonhar, viver coletivamente, aprender e crescer num desenvolvimento integral.

Enfim, apesar do reconhecimento da entrevistada sobre a importância dos jogos no processo de alfabetização, percebemos que o emprego desse recurso em sala de aula não foi observado. No entanto, deduzimos que a própria dinâmica da rede de ensino e da escola quanto à definição da padronização dos planejamentos e conteúdos pode se constituir como um dos fatores para isso. A ausência desse recurso didático na prática da alfabetizadora é uma lacuna que merece atenção. Embora ela reconheça a importância do uso de jogos e brincadeiras no processo de alfabetização, sua implementação parece ser limitada ou ausente. Ou seja, contrapõe-se à variedade de possibilidades que os jogos oferecem para engajar os estudantes de maneira ativa, colaborativa, reflexiva e significativa tendo vista à apropriação do sistema de escrita alfabética.

Desse modo, embora a professora se apoiasse em estratégias e procedimentos de ensino considerados tradicionais, a exemplo da repetição das famílias silábicas, atividades de cópias, entre outros, evidenciamos que a referida fazia uso também de outros recursos e estratégias que possibilitam às crianças situações de interações e reflexões, como os momentos destinados à leitura, conforme evidenciou a entrevistada. Portanto, percebemos uma alfabetizadora preocupada com a consolidação do processo de alfabetização dos aprendizes e para tal a mesma percebe a necessidade de mobilizar diferentes saberes e estratégias. Ou seja, enquanto “[...] um sujeito do conhecimento, um

ator que desenvolve e possui sempre teorias, conhecimentos e saberes de sua própria ação” (Tardif, 2002, p. 119).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações apresentadas no decorrer desta pesquisa e ante a análise do perfil da professora e de sua prática de alfabetização, revelamos uma trajetória marcada pelo comprometimento e pela busca constante pelo aprimoramento pedagógico. A docente, com sua formação em magistério e posterior graduação em Pedagogia, demonstra uma sólida experiência no EF, especialmente no 1º ano, no qual se sente mais realizada, devido à sua afinidade com crianças recém-saídas da educação infantil. Embora enfrente desafios, como a desvalorização da classe docente, ela demonstra um profundo amor pela profissão e um compromisso inabalável com o processo de ensino-aprendizagem.

Consideramos, assim, que os objetivos presentes no estudo foram atingidos, uma vez que foi possível investigar como a docente traduz a sua prática alfabetizadora. No tocante a sua concepção de alfabetização, a referida diz ter conhecimento sobre os teóricos e os princípios que defendem para uma prática alfabetizadora norteada pelo método freireano, apesar de adota uma abordagem tradicional, ou seja, focada na apresentação das letras e as famílias silábicas, conforme o desenvolvimento gradual esperado ao longo do ano letivo.

No que tange à prática de alfabetização, notamos a preocupação da professora em seguir o planejamento estabelecido pela equipe gestora, alinhado com a BNCC. A partir da análise de sua prática alfabetizadora, percebemos que apesar de demonstrar as diversas ideias e propostas que contribuiriam para a aquisição do sistema de escrita alfabética pelos alunos, a professora não os usa com frequência, o que torna suas aulas mais focadas em recursos, como atividades impressas, mecânicas e repetitivas.

Vislumbramos que, diante das análises realizadas, é necessário um olhar mais atento em relação aos recursos os quais a referida docente utilizava em sua prática alfabetizadora, pois observamos uma predominância de atividades mecânicas que, segundo especialistas, como Freire (1985) e Soares (2010), podem limitar o desenvolvimento cognitivo e reflexivo dos alunos, distanciando-se de uma alfabetização que leve em conta a construção ativa do conhecimento pela criança.

Nesse processo, cabe ao professor compreender as diferentes fases de desenvolvimento e aquisição da linguagem escrita, pois cada aluno tem seu próprio ritmo de aprendizagem. É, portanto, um aspecto que precisa ser considerado pelo professor no

processo de planejamento, atentando, desse modo, a heterogeneidade de aprendizagens e dificuldades apresentadas pelas crianças.

Concluimos que a professora demonstrava um compromisso com o processo de alfabetização. Para tal, mobilizava diferentes saberes em meio às exigências da gestão municipal e orientações da equipe gestora da escola, tornando, portanto, o seu trabalho ainda mais desafiante, uma vez que há expectativas de diversas ordens em prol da consolidação do processo de alfabetização.

Por fim, é importante salientar a relevância de se realizarem mais estudos a respeito do tema em questão, uma vez que este é um processo que se desenvolve diariamente e que está sujeito a mudanças constantes, sendo necessário que o professor alfabetizador esteja sempre disposto a se adaptar às necessidades dos seus educandos.

REFERÊNCIAS

BORDIGNON, Lorita Helena Campanholo; PAIM, Marilane Maria Wolff. História e políticas públicas de alfabetização e letramento no Brasil: breves apontamentos com enfoque para o plano nacional de educação. **Momento: diálogos em educação**. v. 24, n. 1, p. 89-117, jan./jun. 2015.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNED)**. Brasília: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizeseducacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 05 fev. 2024.

BRASIL. **Lei n. 11.114, de 16 de maio de 2005**. Altera os artigos. 6º, 30, 32, e 87 da Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 2006, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental de seis anos de idade.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação. Pacto pela Alfabetização na Idade Certa**. 2015. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>. Acesso em: 14 de março de 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação. Criança Alfabetizada**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/crianca-alfabetizada/contexto#:~:text=Dados%20do%20Instituto%20Nacional%20de,houve%20uma%20queda%20no%20desempenho>. Acesso em: 20 de março de 2024.

BRASIL. **Pacto Nacional da Educação. Ministério Da Educação**. 2004, disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/legislacao/portaria_mec_826_alterada.pdf. Acesso em: 05 fev. 2024.

BRASIL. **Pacto Nacional da Educação. Ministério Da Educação**. 2006. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/legislacao/portaria_mec_826_alterada.pdf. Acesso em: 05 fev. 2024

BRASIL. **Pacto Nacional da Educação. Ministério Da Educação**. 2009. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/legislacao/portaria_mec_826_alterada.pdf. Acesso em: 05 fev. 2024

BRASIL. **Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: formação do professor alfabetizador**. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação. Lei 13.005 de 2014**. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planossobnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 05 fev. 2024

BRASIL. **PNA: Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, Sealf: 2019.

BRASIL. **Programa Nacional Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)**. Brasília: Ministério da Educação, 2012. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11268-gt-capitais-pnaic-apresentacao-21062012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 05 fev. 2024.

BRASIL. **Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)**. Currículo em Movimento: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, DF: SEEDF, 2018.

BRITO, Antônia. Edna. Sobre a formação e a prática pedagógica: o saber, o saber-ser e o saber-fazer no exercício profissional. *In*: MENDES SOBRINHO, José. Augusto. de Carvalho. (Org.). **Formação e prática pedagógica: diferentes contextos de análise**. Teresina: EdUFPI, 2007. p. 47-62.

CAGLIARI, Luiz. Carlos. **Alfabetizando sem o Bá- Bé-Bi-Bó-Bu**. São Paulo: Editora Scipione, 2009.

CARVALHO, Caroline. Marques.; OLIVEIRA, Kelly. Gonçalves; RIBEIRO, Aline. Aparecida. Souza. O lúdico na transição dos educandos da Educação Infantil para o Primeiro ano do Ensino Fundamental. **Revista saber digital**. 2021.

CÔCO, Valdete; SALGADO, Raquel Gonçalves. Reafirmando o direito à educação infantil. **Caderno de debate para avaliação das metas do plano nacional de educação (PNE 2014-2024)**. Meta 1/ ANPAE. Brasília, 2018.

COSSETIN, Márcia.; PILARSKI, Vanessa. As intencionalidades do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa para a Educação no Brasil. **Teoria e Prática da Educação**. v. 23, n. 1, p. 127-144, jan./abr. 2020.

COSTA, Fabíola. Elizabete.; FIGUEIREDO, Ireni. Marilene. Zago.; COSSETIN, Márcia. Políticas públicas de alfabetização no Brasil: análise do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e da Política Nacional de Alfabetização (PNA). **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 630–647, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/60223>. Acesso em: 25 abr. 2024.

FERNANDES, Iêda. Licurgo. Gurgel. **Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental: o que contam as crianças sobre essa travessia na cultura de escola**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2015.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Alfabetização. Caderno de debate para avaliação das metas do Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024)**. Meta 5/ ANPAE. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora, ed. 51, 2011. 104 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GONTIJO, Cláudia. Maria. Mendes. Políticas públicas de alfabetização no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 16, p. 33-43, 24 mar. 2022.

GONTIJO, Cláudia. Maria. Mendes; COSTA, Dania. Monteiro. Vieira; PEROVANO, Nayara. Santos. Alfabetização na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)1 2 Literacy in the National Common Core (BNCC). **Pro-Posições**, Campinas, SP, p. 1-21, v. 31, 2020.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil do Brasil**. Cadernos de Educação de Infância, n. 90 p. 4-7, 2010Tradução. Acesso em: 25 abr. 2024.

LEAL, Telma. Ferraz. Concepção de alfabetização em documentos curriculares: comparação Brasil Argentina. **Revista Linhas**, v. 23, n. 51, p. 160–189, 5 maio de 2022.

LIBÂNEO, José. Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1994.

RODRIGUES, Lídia da Silva. **Jogos e brincadeiras como ferramentas no processo de aprendizagem lúdica na alfabetização**. 2013. Dissertação (mestrado)- Universidade de Brasília Faculdade de Educação, Brasília, 2013.

LOPES, Annalyne. Felipe. **Jogos pedagógicos no processo de alfabetização de crianças no 1º ano do ensino fundamental: uma análise de experiência**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) Centro de Educação – Universidade Federal da Paraíba (UFPB) p. 46, 2022.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAIS, Arthur. Gomes. DE. Políticas e práticas de alfabetização no Brasil, hoje: precisamos continuar resistindo e aprendendo com Paulo Freire. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 16, p. 1- 14, 24 mar. 2022.

MORAIS, Arthur. Gomes. DE.; SILVA, Alexsandro. DA.; NASCIMENTO, Gabryella. Silva. DO. Ensino da notação alfabética e práticas de leitura e escrita na educação infantil: uma análise das três versões da Base Nacional Comum Curricular. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, 2020.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. **Brasil, 2091**: notas sobre a “política nacional de alfabetização”. Olhares Revista Do Departamento de Educação – UNIFESP. v. 7, n. 3 – Guarulhos, novembro 2019.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. **Os sentidos da alfabetização: (São Paulo/1876-1994)**. São Paulo: Editora UNESP; CONPED, 2000.

OLIVEIRA, Andhiara. Leal. Antunes.; COUTO, Maria. Elizabete. Souza. Entre a concepção de alfabetização e a prática pedagógica. O que faz a professora? **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 17, p. 157-176, 2022.

PEREIRA, Drielle. Rodrigues.; SOUSA, Benedita. Severina. A contribuição dos jogos e brincadeiras no processo de ensino aprendizagem de crianças de um cmei na cidade de

teresina. **Revista Fundamentos**, Terezina, v. 3, ed. 2, 2015.

PERES, Eliane. **A produção da crença: políticas de alfabetização no Brasil na última década (2006-2016)**. Reunião Científica Regional da Anped. Educação, Movimentos Sociais e Políticas Governamentais, 2016.

PERES, Eliane. Terezinha. Do que aprendemos ao que combatemos: dez mitos da alfabetização que precisam ser derrubados. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 16, p. 164-171, 24 mar. 2022.

PERTUZATTI, Ieda. DICKMANN, Ivo. Alfabetização e letramento nas políticas públicas: convergências e divergências com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Ensaio: aval. pol. públ. educ**, n. 27 v. 105, 2019.

COSTA, Fabíola. Elizabete.; FIGUEIREDO, Ireni. Marilene. Zago.; COSSETIN, Márcia. Políticas públicas de alfabetização no Brasil: análise do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e da Política Nacional de Alfabetização (PNA). **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 630–647, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/60223>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SMOLKA, Ana. Luiza. Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2021.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento têm o mesmo significado?** Porto Alegre: Pátio, v. XIX, p. 50-52, 2005.

SOARES, Magda. **Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Mazagão (Org.). **Letramento no Brasil**. Reflexões a partir do INAF, 2001. São Paulo: Global, 2004.

SOUZA, Elaine Eliane Peres de. **A formação continuada do professor alfabetizador nos cadernos do pacto nacional pela alfabetização na idade certa (PNAIC)**. Florianópolis. 2014.

TEIXEIRA, Elenaldo. Celso. **Papel das Políticas Públicas no Desenvolvimento Local e na Transformação da Realidade**. 2002. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf. Acesso em: 05 fev. 2024

TEIXEIRA. Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: wak, 2010.

VIGOTSKY, Lev. Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

- Rotina diária das aulas;
- Organização das ações em sala;
- Principais estratégias didáticas empregadas;
- Como se dá a mediação do processo de alfabetização;
- Acompanhamento da realização das atividades;
- Atividades recorrentes.

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A PROFESSORA

Sobre a professora entrevistada:

- Idade;
- Formação acadêmica;
- Tempo de atuação na docência;
- Tempo de atuação no 1º ano do ensino fundamental;
- Motivação para escolher a docência.

Sobre a concepção de Alfabetização:

- Concepção de Alfabetização;
- Qual a perspectiva de alfabetização que a professora adota. Por quê?
- Dificuldades encontradas no processo de alfabetização.

Quanto a Prática Pedagógica:

- Organização da prática docente;
- Caracterização da didática da professora.

Quanto às atividades

- Quais as principais atividades desenvolvidas em sala?
- De onde vêm essas atividades?
- Quais os recursos didáticos usados para alfabetizar; por que e como utilizam esses recursos? (Caso trabalhe com jogos, quais são esses?);
- Qual a importância desses recursos para a alfabetização dos alunos?